

A série de trabalhos recentes de Emika Takaki está ancorada em uma materialidade silenciosa, no manuseio de cores que não ofuscam e em um fazer artístico que adquire uma certa impessoalidade para dar significado às coisas do mundo. São quase vestígios de imagens que parecem evocar algo ausente e que também apresentam uma disponibilidade para o silêncio, como se este constituísse uma estética do repouso.

Em seu universo iconográfico, estão presentes imagens em escala diminuta, permeadas por um constante lirismo, que trazem uma linha discursiva habitada por poucos motivos, entremeado por paisagens flutuantes. Nesse território poético, o fio narrativo, situado em espaços intervalares, é conduzido pela presença desses pequenos elementos, reunidos como em um inventário — vasos, flores, utensílios ou objetos, que parecem indiferenciados e anônimos, como se participassem de uma jornada íntima, de uma cotidianidade que parece constituir o elemento formador de cada imagem.

Emika nos permite usufruir da experiência de sua gramática visual, construída a partir do que está ao seu redor, por meio de uma economia composicional que nos conduz a uma simplicidade morandiana. As obras parecem impregnadas de temporalidades diversas e de outros modos de viver, orbitando em torno do silêncio e dos vazios, como se ocorresse uma erosão da intimidade que, ao mesmo tempo, ativa relações que percorrem dimensões não organizadas no passado.

A artista utiliza poucos elementos de representação visual, como pequenas gestualidades direcionadas para marcar uma composição de formas simples e essenciais, aparentemente destituídas de suas identidades originárias e que tangenciam os limites do vazio por meio da relação entre o lá fora e o lá dentro, em um ritmo alternado de cheio e vazio. Emika transforma a experiência do ato de olhar em uma realidade quase pastosa, que insiste em aparecer, como se estivéssemos observando o exercício de um constante refazimento do mundo ao redor.

A solidez dos objetos materiais é cercada por um campo monocromático, no qual apenas o essencial aparece na superfície da tela, preenchida por cores escassas e pequenas gestualidades, reduzidas a uma sugestão visual. Ecos do passado condensam-se nessas pinturas silenciosas e, em vez de pensarmos em apagamento, somos levados a pensar em acrescentamento, na prática artística como um espaço de encontro entre o passado e o presente, entre a nostalgia e o esquecimento.

Talvez por essa razão, essas representações, no ponto de sua incidência, dissolvam os jogos metafóricos e nos transportem para o tempo do devaneio, para o habitar de algo indeterminado, como outroras e agora, ancorando a lembrança como um acréscimo, como um murmúrio, por meio da prerrogativa do silêncio. Conforme afirmou o historiador David Lowenthal, a função fundamental da memória não é preservar o passado, mas adaptá-lo a fim de enriquecer e manipular o presente.

Toda imagem traz consigo a memória de um episódio, e os belos títulos poéticos das obras de Emika Takaki são direcionados a questões relacionadas à identidade, à ancestralidade e à diáspora nipo-brasileira, tais como Guardar o Tempo, Ouvir o Som das Nuvens, Colheita no Céu da Poesia, Hoje o Céu Flutua, Sobre Colher o Tempo, Ouvir o Florescer, Habitar o Vazio, entre muitos outros.

Nesse mundo opaco, silencioso e sem estridência, a artista traz um outro continente ao apresentar fios sucessivos impulsos narrativos que emergem da superfície da tela, como se buscassem uma zona de silêncio ou de suspensão: uma expressão plástica que molda aquilo que foi previamente lembrado.